

ENSINO DE HISTÓRIA E A PRÁTICA EDUCATIVA: PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Maria Delfina Teixeira Scheimer¹

Este artigo procura discutir o ensino de história e a prática educativa através de exemplos de projetos interdisciplinares, com o objetivo de despertar nos alunos o gosto pelo ensino de história, vindo a contribuir significativamente para tornar a escola um lugar de descoberta e de significado, sinônimo de novo, onde o educador não venha a levar um conhecimento de fora para dentro, mas sim, despertar no aluno o que ele já sabe, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e que tenham compreensão de seu cotidiano, sujeitos da história, proporcionando a oportunidade de resgatar a sua história. Pretende analisar, ainda, a necessidade atual de um profissional que esteja apto para realizar a prática educativa no ensino de história, compreendendo-a no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua edificação, de discussões e negociações em função de circunstâncias determinadas.

Palavras – chave: Ensino – História – Educação – Prática educativa

Quando abordamos o ensino de história dentro da realidade brasileira, sabemos que estamos tratando de um assunto bem complexo e que merece muita atenção. Pois começamos questionando o que ensinar em uma sociedade multicultural¹, onde existem valores e percepções sociais diferentes. Será possível montarmos e usarmos um currículo para o ensino de história que seja único, abordando todos os interesses? O que devemos ensinar? Quais temas, fontes ou materiais usar para fazer uma mediação entre passado e o presente vivido por nossos alunos?

¹ O que define uma sociedade multicultural, é quando percebemos uma série de culturas com características diferentes na mesma sociedade.

Outro fato que devemos ressaltar é que o historiador condiciona a história a partir de sua visão. É possível nos desprendermos de nossas interpretações e trazermos para a sala de aula um ensino de história que seja significativo e contribua para a formação de seres pensantes e críticos e não meros repetidores do pensamento alheio?

Como seres humanos estamos em construção, não podemos deixar de perceber que a nossa sociedade está passando por mudanças, e essas mudanças estão chegando à escola. Estamos vivendo numa época de quebra de paradigmas², nossos alunos estão chegando às escolas com conceitos e valores diferentes daqueles que os professores foram educados, causando de certa forma um *descompasso* entre a realidade em que o professor foi educado e a realidade em que os alunos vivem hoje.

Quando analisamos o contexto escolar, podemos refletir sobre o distanciamento entre a vivência do aluno e a forma que o professor tende a passar determinados conteúdos, o dinamismo vivenciado pelo aluno está fora da realidade transmitida pela maioria dos professores de história, que tendem a ensinar uma “história estrangeira” como comenta Paul Ricoeur:

“Como ligar o ensino de história à preocupação com o presente e com o futuro que os adolescentes podem experimentar? Essas questões colocam-se na realidade porque a história, aquela que os historiadores contam e tentam explicar e interpretar parece estrangeira ao que os homens fazem e experimentam. É essa estranheza da história que vou questionar inicialmente. Em seguida, vou tentar argumentar em favor da disciplina histórica mostrando que esse distanciamento da história com relação à vida é, na verdade, constituído do conhecimento histórico.” (in: MORIN,2002, p. 369)

Esse distanciamento vivenciado no ensino de história fica mais evidente quando analisarmos a história da educação. Percebemos que passamos e estamos passando por grandes mudanças, reformas e aperfeiçoamentos em relação ao ensino, o papel do professor na maioria das vezes era de exercer influência sobre o comportamento dos sujeitos sociais que ali atuavam, levando à construção de um discurso que influenciava comportamentos.

Na antiguidade oriental a educação não se separava da religião, quem transmitia esses valores eram os ancestrais, escribas, sacerdotes ou monges, a eles era confiada a técnica manual da escrita e o treinamento para ela. Na Grécia clássica, a religião fora substituída pela inteligência crítica capaz de estabelecer uma lei humana não mais

² A oportunidade que temos como educadores de substituir padrões antigos por novos.

divina, tendo a necessidade de ter alguém que levasse a construção de um pensamento crítico que o libertaria.

“Dá-se assim, a passagem da educação do senhor guerreiro para a educação do escriba, literato sapiencial e técnico da escrita, funcionário da administração, aspirante à escalada dos cargos oficiais, que caracteriza a educação rememoradora do passado sagrado, própria dos orientais.” (MARQUES, 1990, p. 63).

Esse objetivo inicialmente, da prática educativa, não visa um desenvolvimento intelectual e sim uma forma de conhecer a si mesmo. Para isso, torna-se necessário o desenvolvimento do diálogo³.

Na formação ateniense, por exemplo, a educação formal começava para os meninos a partir dos sete anos de idade, quando eram confiados a um pedagogo, geralmente escravo e idoso, que acompanhava o “aluno” o dia todo ensinando gramática, cálculos e conduta moral. O ofício de mestre não era uma tarefa desejada.

Segundo MARQUES(1990), no século VI, anterior a nossa era, a passagem do poder da aristocracia territorial para a nova classe dos mercadores tornava imprescindível o preparo para a carreira política. Surgindo uma nova categoria de professores, os sofistas, que eram grupos de mestres que tinham por objetivo viajar de cidade em cidade realizando aparições públicas, oferecendo aos jovens, em troca de elevada retribuição pecuniária, os ensinamentos práticos da ciência e das artes e, sobretudo, a arte política por excelência.

Com o cristianismo, a educação é ministrada pela família e na assembleia dos fiéis. Para MARQUES, dentro da educação cristã o primeiro pedagogo foi Clemente de Alexandria, nascido em Atenas, instruído na filosofia neoplatônica, onde a Lei de Moisés e a filosofia grega inspiravam-se no logos para a revelação cristã. Já os padres da Igreja, buscavam a conciliação da ciência e literatura pagãs com a doutrina moral e religiosa do Cristianismo. Na idade Média, só eram dignos de serem ensinados os desenvolvidos nas faculdades do espírito.

Para MANACORDA(2006), esses aperfeiçoamentos na educação, segundo o autor, variam conforme o momento histórico e no Antigo Império, por exemplo, os

³ Um dos objetivos da educação grega era formar cidadãos, para participar da vida pública de forma eloquente, com boa oratória. O desenvolvimento do diálogo era uma forma de atingir o êxito político, através da construção de discursos persuasivos e ter bons argumentos que justificassem sua posição.

textos com o conhecimento evidenciam um tipo de educação que apontava para o homem político, ou seja, seu conteúdo baseava-se na arte de falar para dominar as classes inferiores. O ensino acontecia de pai para filho ou de mestre escriba para discípulo. Diferente dos nossos dias, percebe-se que o ensino de história nesse período tinha um grande significado, os pais narravam para os filhos contos e fatos que serviam de orientações, sendo passadas de geração em geração. “Eis, por assim dizer, a imagem de uma relação pedagógica dentro de uma educação mnemônica, repetitiva, baseada na escrita e transmitida autoritariamente do pai para os filhos.” (MANACORDA, 2006, p.12).

Com todas as mudanças, estamos, basicamente, entre dois blocos paradigmáticos, instalados pelo próprio processo histórico: o conservador e o emergente. Mas como toda a crise, esta também traz em si, sua própria superação, que aponta para uma nova inspiração paradigmática, rumo a novos conceitos de relação de poder e descentralização, que se constitui em uma alternativa que deverá superar os modelos anteriores e que, por sua vez, não respondem aos atuais desafios.

Apesar de grandes mudanças no objetivo da educação ao longo da história nota-se que o papel desempenhado pelo professor de história não teve grandes alterações, apesar de a sociedade em geral passar por grandes reformas, ele continua praticamente exercendo-o da mesma maneira.

Na sociedade atual, percebemos a necessidade de um profissional atualizado e motivado para realizar uma nova prática educativa no ensino de História, que esteja apto a compreendê-la no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

Com a gritante revolução dos meios tecnológicos, o professor de história está sentindo a necessidade de mudanças urgentes. Existem causas externas e internas que estimulam a mudança na função do professor. Podemos citar como causas externas: mudanças na sociedade, revolução científica e mudanças na cultura de uma época. Como causas internas, podemos citar o esgotamento de teorias e modelos tradicionais, que levam a buscar novas alternativas, envolvimento dos alunos com os meios de comunicação e a exigência de salas de aulas que venham a contribuir com essa realidade.

O desempenho do professor de História hoje, em sala de aula, na maioria das vezes, é menosprezado e ignorado pelos próprios alunos, pois o contexto em que vivem é totalmente diferente da vivência do professor, do seu método e conteúdo.

Relato de uma experiência multidisciplinar

Sendo professora de História, encaro essa prática como algo desafiador, pois vivemos em um sistema que exige mudança, mas que não está preparado para amparar e motivar o professor a encontrar alternativas para superar esses desafios e cativar os alunos a perceberem o ensino de História como algo transformador e essencial, a fim de termos uma sociedade justa e igualitária. Sentindo necessidade de mudanças, lancei um projeto na escola em que trabalho, de levar os alunos das sextas séries para uma pesquisa de campo. Saímos de Porto Alegre e visitamos parte da serra gaúcha, tendo por objetivo levar o aluno a analisar os aspectos geográficos, sociais e econômicos de um outro ambiente. A atividade ampliou o trabalho proposto em sala de aula, forneceu um complemento às atividades curriculares, bem como promoveu um enriquecimento pedagógico. O envolvimento dos alunos acabou motivando outros professores a participarem do projeto, tornando-o interdisciplinar. A proposta inicial era para a disciplina de História e Geografia, para que os alunos pudessem pesquisar a influência da imigração europeia na cultura gaúcha, além de descobrirem a história da Maria Fumaça⁴ (transporte ferroviário).

Com o auxílio de outras disciplinas, como Ciências, os alunos pesquisaram a importância das araucárias para a região serrana, identificaram as espécies de animais que convivem e se alimentam dela. Houve, também, um registro com imagens dos animais e vegetais nativos da região serrana do nosso estado.

Para a disciplina de língua inglesa os alunos ficaram com a tarefa de recolher panfletos distribuídos nos lugares visitados, para criarem um folder na língua Inglesa, divulgando o turismo da região. Já em Geografia, foi-lhes atribuída a responsabilidade de analisar a diferença entre a área urbana e rural durante o passeio de Maria Fumaça,

⁴ Transporte ferroviário do século XIX, hoje destinado ao turismo que percorre 23 quilômetros entre Bento Gonçalves e Carlos Barbosa no Rio Grande do Sul.

que saiu da cidade de Carlos Barbosa, no Rio Grande do Sul, até Bento Gonçalves. Além disso, foi analisada a importância econômica, no passado e atualmente, do transporte ferroviário.

À Matemática coube a responsabilidade em planejarem ações e projetarem soluções dos diversos problemas ambientais causados pelas construções. Os alunos foram estimulados a planejar formas de produzir de maneira harmônica a conscientização da utilização de novos componentes e de novos materiais para as construções, com base geométrica de estruturação, provocando interação social frente ao ambiente e à matemática como ferramenta para essa inter-relação.

Para a disciplina de Português, pesquisaram uma lista de palavras usadas no vocabulário da região de Bento Gonçalves, que não é comum ao nosso vocabulário. Com os dados coletados no projeto, foi desenvolvida em sala de aula uma pesquisa sobre a origem étnica das palavras e comentada a importância dos grupos étnicos para a formação da cultura e interferência nos hábitos da população do nosso estado.

Foi um projeto interdisciplinar, em que os alunos usaram as informações históricas para interagir e dialogar com outras disciplinas. Foi motivador para os alunos e professores, que acabaram trabalhando o restante do ano letivo com as informações obtidas durante o passeio, colocando o conhecimento histórico adquirido na pesquisa em prática, relacionando-o com outras disciplinas, tornando o ensino de história algo dinâmico. Os comentários entusiasmados dos alunos era motivador para os professores. Mas durante a elaboração do projeto percebemos comentários da insegurança de muitos pais ao deixarem os filhos participarem do projeto, achando que não seria uma aprendizagem significativa. Muitos pais achavam que os alunos estariam perdendo tempo “passeando” e não copiando conteúdo. Por estarem acostumados a pensar que a única forma de aprender é o registro dos conteúdos no caderno e questionários passados em aula para serem decorados, levou-os a duvidar de que um “passeio” não traria contribuição para o aprendizado de seus filhos. Para resolver a situação foi proposta uma reunião com os pais para mostrar os objetivos do projeto e onde cada disciplina estaria contribuindo, na volta foi organizado uma amostra das fotos e pesquisas realizadas pelos alunos, além de pequenos seminários dirigidos pelos mesmos. Aqueles que não foram ao passeio ficaram com a responsabilidade de organizar e apresentar pesquisas bibliográficas durante o seminário, sobre os temas afins.

Percebo que uma das formas de motivarmos alunos e professores sobre a relevância do ensino de história, esteja em atividades semelhantes: projetos

interdisciplinares, pesquisa de campo, para que os alunos construam seu conhecimento e se tornem sujeitos da história, e o professor seja o mediador dessas aprendizagens. Meu objetivo em comentar esse projeto interdisciplinar que realizei é para justificar a importância do estudo em questão, pois sinto uma inquietação em relação aos constantes comentários sobre o mal-estar vivenciado por professores de História e alunos sobre a falta de motivação relacionada a práticas educativas no ensino desta matéria. Essas preocupações foram também comentadas por Albuquerque:

“O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo. Nem sempre se faz a história do mesmo jeito, e ela serviu a diferentes funções no decorrer do tempo. O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz. Por isso, a História como metanarrativa, está em crise. A metanarrativa se faz a partir de um sujeito de discurso que, a pretexto de falar do lugar da ciência, sobrevoaria a História e poderia falar de fora dela, ter uma visão global, de conjunto e não comprometida com os embates do momento.” (ALBUQUERQUE, 2007, p.61).

Sinto que seja necessário pesquisar esse descompasso presente no contexto escolar e descobrir se é algo recente e investigar se a dificuldade do aprender e desenvolver o gosto pela história tem a ver com monólogo, quando o professor só exerce a função de mandar: “Faça isso, resolva aquilo,” não permitindo o diálogo, nem a aproximação com a realidade vivenciada pelos alunos. Carecendo assim, a importância nas atividades ou no método ativo da criação de uma atmosfera pedagógica, para formar, a partir da escola, indivíduos socialmente eficientes e que venham a contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A convivência em sala de aula atualmente vivenciada por professores e alunos relacionados pelo ensino de história, tem a necessidade de ser um assunto bastante discutido entre os educadores e as famílias, especialmente por precisar compreender a importância do trabalho coletivo no processo de construção do conhecimento. Devemos considerar que a ação docente não é um ato individual, mesmo que aparentemente o professor se restrinja ao contexto de sala de aula, com os alunos. Sua ação é também coletiva, e nela reside seu maior poder. É extremamente importante que o ensino de história venha contribuir para o aperfeiçoamento do relacionamento em nossa sociedade, pois essa provocação é sem dúvida, um dos grandes desafios da humanidade hoje, para que possamos progredir rumo a um desenvolvimento social, baseado na justiça e respeito mútuo, superando as dificuldades a fim de nos entendermos com os outros.

Considerações finais

Por ser professora, sinto que a comunidade escolar precisa amparar o educador para uma re-educação de suas funções. Somente a cobrança não vai trazer um professor para a sala de aula, pronto para essas mudanças. Os alunos não são mais os mesmos, portanto os professores também precisam mudar, mas acredito que essas mudanças devem ser graduais e apoiadas pela comunidade escolar. A estrutura da escola precisa passar por uma transformação. Que coisa maravilhosa, se nossas salas de aulas fossem oficinas para os alunos, sinônimo do novo com significado, e não ficar cinquenta minutos olhando a “nuca” do colega e ouvindo o professor falar coisas que ele não entende, criando um descaso sobre a imagem do professor. Percebe-se que se o aluno estivesse envolvido nos seus interesses, trazendo sua bagagem de conhecimento, e o professor orientando e mediando essas informações, seu interesse pela escola e a imagem que ele teria do professor seria diferente, pois ele enxergaria no professor alguém que o orienta e o valoriza..

Dentro desse contexto, acredito que uma das formas de melhorarmos a educação é valorizando a função do professor. Nota-se que na maioria das vezes, as medidas são tomadas nas escolas, decisões colocadas para os alunos, sem a participação dos professores. Para esses fica somente a responsabilidade de cumprir as tarefas. Muitas vezes, existe um equívoco na modernização do ensino. Julga-se que seja necessária a melhoria somente do espaço físico e de equipamentos como computadores, projetores, quadros digitais, para termos aulas dinâmicas, sendo que o que seria interessante era pensarmos se a mensagem apresentada tem validade, tendo ela cara nova ou velha. Realizando projetos interdisciplinares percebi que as novas tecnologias podem ser usadas como ferramentas para ajudar a desenvolver aulas mais dinâmicas, mas o que motiva os alunos é a percepção deles como sujeitos históricos. Não é o uso dessas

novas tecnologias que vai formar o conhecimento, mais sim a integração do aluno com o mundo.

“O acesso a grande quantidade de informação não assegura a possibilidade de transformá-la em conhecimento. O conhecimento não viaja pela internet. Construí-lo é uma tarefa complexa, para a qual não basta criar condições de acesso à informação.” (MARTÍNEZ. In: TEDESCO, 2004, 96)

Quando tivermos escolas que respeitem a opinião dos professores e que orientem a mudar seu olhar para as novas adequações, o rumo da educação vai ser diferente: será uma parceria entre alunos, professores e pais. Teremos assim uma sociedade mais significativa, com menos ódio e com mais compreensão.

Não há dúvida de que a ciência da educação, o ensino de história, carece de elementos teóricos mais consistentes e mais compatíveis com a realidade, mesmo que se discuta em alguns discursos que o problema é de ordem prática; este é uma análise, no mínimo. Sentimos uma urgência em banirmos de uma vez por todas a insistência de colocarmos para os nossos alunos uma prática educativa em que predomina o método de um ensino voltado à memorização, repetindo o que está nos livros ou copiando nos cadernos, com questionários e respostas. O ensino baseado na memorização, *decoreba*, entendia que deveria haver uma grande quantidade de informações decoradas para mostrar que se sabia e entendia determinados acontecimentos históricos. Bem diferente de uma memorização consciente, em que é proposto para o aluno buscar e construir informações e que tem no professor um mediador, estimulando os alunos a produzirem e fazerem suas descobertas históricas. Nossas práticas educativas ainda necessitam de um aperfeiçoamento mais significativo e renovador, que transforme o ensino de história em algo prazeroso, que tenha sentido e função na formação de alunos, na contribuição de seres pensantes e reflexivos sobre sua função social.

Percebe-se que o saber e obter prazer pelo saber certamente está mediatizado, em primeiro lugar, pelos pais e, depois, mais tarde, pelos professores e pela escola. Um pode compensar o outro, ou até anular seus efeitos. É importante destacar que o apoio ao professor fornecido pela direção escolar, pelos pais e comunidade em geral é fundamental para que haja um bom relacionamento entre aluno e professor, a fim de que o educar e o aprender, seja algo prazeroso e a educação tenha a função de transformar, melhorar e dar significado à existência. O ensino de história pode contribuir significativamente para tornar a escola um lugar de descoberta e de significado, sinônimo de novo, onde o educar não venha a levar um conhecimento de fora para

dentro, mas sim, despertar no indivíduo o que ele já sabe, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e que tenham compreensão de seu cotidiano, sujeitos da história, proporcionando a oportunidade de resgatar a sua história, por exemplo, e ver como essa interage com a história geral, como é sugerido por Aranha:

“A história resulta da necessidade de reconstruirmos o passado, relatando os acontecimentos que decorreram da ação transformadora dos indivíduos no tempo, por meio da seleção (e da construção) dos fatos considerados relevantes e que serão interpretados a partir de métodos diversos.” (ARANHA,2006,p.20)

Não podemos deixar de levar em consideração que é um desafio para o professor de história sair do programa, usar a criatividade e ensinar uma história significativa. É muito cômodo seguir um cronograma de uma história linear, sem proporcionar para o aluno a oportunidade à crítica ou a suas próprias investigações. Na maioria das vezes, o ensino de história é algo estrangeiro, longe da realidade, diferente daquela que os alunos fazem e experimentam. Há situações em que a boa vontade do professor de história, esbarra tanto nos vícios tradicionais como na resistência da escola em aceitar uma nova forma de abordar o conhecimento oferecido pelo ensino de história.

Para finalizar, compreendemos que apesar de grandes mudanças no objetivo da educação ao longo da história, percebe-se que o papel desempenhado pelo professor e também o ensino tiveram grandes alterações. Embora a sociedade em geral passe por grandes reformas, o professor de História continua praticamente exercendo da mesma forma sua função.

Hoje, o papel desempenhado pelo professor é algo confuso até mesmo para ele. As exigências impostas pela sociedade: pais, alunos e comunidade em geral, estão fora do alcance da realidade vivenciada em sala de aula. O objetivo deste texto é abrir uma oportunidade para debatermos e colocarmos em evidência a importância do cuidado e atenção sobre as práticas educativas na disciplina de história. Mudanças que despertem e coloquem em evidência a relevância do ensino de história faz-se necessária, práticas educativas que direcionem o diálogo, levando à formação de um pensamento crítico e de opções interpretativas.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado, Bauru, SP: Udusc,2007

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos 2ª ed. São Paulo: Cortez,2008

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. São Paulo: Papirus, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saber necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997

GADOTTI, Moacir. História das Idéias pedagógicas 7ªed. São Paulo: Ática,1999

MANACORDA, Mário Alighiero. História da Educação. Da antiguidade aos nossos dias 12ªed. São Paulo: Cortez,2006

MARQUES, Mario Osorio. Pedagogia: a ciência do educador. Ijuí: Unijuí, 1990

MARTÍNEZ, Jorge H. Gutiérrez, Novas tecnologias e o desafio da educação. In: TEDESCO, Juan Carlos (org.) Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas? São Paulo: Cortez,2004

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. In: RBH 13/25-26, set.1992 a ago.1993, 143 -162.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: uma reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ⁱ Professora da rede privada de ensino de Porto Alegre, mestranda em educação pela Unilasalle/Canoas
delfina.teixeira@bol.com.br